

# Cristologia pneumatológica da paz e não violência: Chance para uma cristologia decolonial.

Erico Hammes<sup>1</sup>

**Resumo:** A Comunicação pretende estabelecer uma conexão entre a Cristologia pneumatológica (Spirit Christology), da paz e não violência como superação das cristologias colonialistas e belicistas. A história recente da Cristologia mostrou uma passagem de uma apresentação “cristomomnista”, em que se partia do dogma cristológico e se focava apenas o Filho encarnado ou Jesus de Nazaré como o Cristo, a uma apresentação relacional de Jesus ao Pai e ao Espírito. Paralelamente, os desafios da violência e da paz exigiram uma recuperação da tradição pacifista do Cristianismo, implicando a formulação de Cristologias da paz e não violência, como chance para uma Cristologia Decolonial. Da confluência dessas duas correntes, é possível pensar uma Cristologia espiritual da paz e não violência em contraste com a história de condescendência ou mesmo de estímulo à violência em suas diferentes formas, incluindo o colonialismo. Destaca-se o tema da filiação, abordado em várias Cristologias mostrando o impacto para uma compreensão da fraternidade humana, aliada à afirmação da relacionalidade ao Pai no Espírito, que é um Espírito de Paz e reconciliação. Mostra-se, assim, que a confissão cristológica, possível apenas no Espírito Santo, é também uma confissão daquele que é “nossa paz” (cf. Ef. 2,14).

**Palavra-chave:** Cristologia Espiritual. Paz. Espírito Santo. Decolonialidade.

## INTRODUÇÃO

A expressão Cristologia pneumatológica, reproduz o termo de Berkhof (1988, p. 21) *pneumatologische Christologie*, e pretende aqui traduzir os termos *Geistchristologie*, *Spirit Christology*, *Christologie Spirituel*, *Cristologia nel orizzonte dello Spirito* e quer dar conta do desenvolvimento da Cristologia ao longo do século XX ao passar de uma focalização nos dogmas cristológicos a uma leitura atenta das Escrituras em vista da recuperação do terreno original da fé em Jesus de Nazaré como o Cristo ou Filho no Espírito Santo. A consequência desse movimento foi uma aproximação entre a fé em Jesus e a realidade, bem como a elaboração de sua relacionalidade com o Pai, o Reinado de Deus e o Espírito Santo. No ensaio a seguir, registram-se alguns aspectos desse desenvolvimento, focando na convergência entre Cristologia pneumatológica e paz e não violência ativa. Ambas as perspectivas permitem evidenciar um pensamento cristológico decolonial em dois passos principais: A emergência da Cristologia pneumatológica e a algumas teses por uma Cristologia pneumatológica da paz.

---

<sup>1</sup>Doutor em Teologia, professor titular de Teologia Sistemática no Programa de pós-graduação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: ehammes@puccrs.br

# 1 A EMERGÊNCIA DA CRISTOLOGIA PNEUMATOLÓGICA

A partir dos anos 1960 o tema da relação entre Jesus e o Espírito Santo foi progressivamente aparecendo na reflexão cristológica. Graças às pesquisas na Cristologia bíblica pode constatar-se uma inclusão crescente do tema da relacionalidade de Jesus, primeiro ao Pai (cf. DURRWELL, 1997), como Filho, e depois ao Espírito. Os primeiros autores da vinculação ao Espírito vieram das igrejas pentecostais ou carismáticas e movimentos que sublinhavam o papel do Espírito Santo na existência e vida de Jesus (cf. p. ex., BERKHOF [1964], 1968). Da perspectiva católica, depois do Concílio Vaticano II e da sua orientação pneumatológica para a Igreja e a Revelação, autores como Heribert Mühlen (1974 [1969]), Walter Kasper (1975), Jacques Dupuis (1977), Hans Urs von Balthasar (1987), e Yves Congar (1983, p. 598-607), entre os anos 1960 e 1980, mesmo com reservas (cf. ROSATO, 1977) ou com posições ambíguas (cf. p. ex. HAIGH, 1992) abriram o caminho para uma Cristologia pneumatológica no pensamento católico. Assim, Walter Kasper (1975, p. 296) afirma que “a mediação de Deus e homem em Jesus Cristo teologicamente os se deixa entender como evento ‘no Espírito Santo’, o que leva a uma Cristologia orientada pneumatologicamente”. Ainda que se possam identificar aspectos frágeis nesse desenvolvimento, parece um exagero, como faz Weber (2000), ver nessas Cristologia uma simples reedição das heresias primitivas da Pneuma-cristologia no lugar da Logos-Cristologia.

O encontro entre a Teologia trinitária e a Cristologia ao longo dos anos 1980 a 2000 ofereceu um número significativo de obras nas quais o assim chamado “Cristomonismo” é superado. Jesus é apresentado na luz do Espírito Santo, no “horizonte do Espírito” (BORDONI, 1995), movido pelo Espírito e assim por diante. Mas é ao longo dos anos 1980 que se impõe cada vez mais a compreensão de Jesus de Nazaré em sua relacionalidade, encontrando-se com a Teologia Trinitária (MOLTMANN, 1989; 1997). Com efeito, a elaboração de uma compreensão do Mistério divino a partir da leitura do Novo Testamento, inicialmente, e do Antigo Testamento, depois, inclui a Cristologia. Inverte-se a ordem dos tratados, iniciando pela Cristologia, para depois elaborar a Teologia Trinitária, e voltar à Cristologia: “Da Cristologia à Trindade, e da Trindade à Cristologia”, é uma expressão usada por Jacques Dupuis em suas preleções na Gregoriana. No momento atual, é impossível ignorar a transformação da paisagem do Cristianismo acontecida com o movimento pentecostal e sua contribuição na recuperação da história da Cristologia Pneumatológica (cf. BRYANT, 2014).

## 2 POR UMA CRISTOLOGIA PNEUMATOLÓGICA DA PAZ – TESES

Da perspectiva da Teologia da Paz e não violência, a história da Tradição Cristã, desde os inícios, traz a convicção de que Jesus é a paz de Deus (COSTE, 1991; RYNNE, 2014) e a vitória sobre toda forma de violência. Contudo, a história posterior rompeu esse vínculo interno (cf. COSTE, 1997). O Cristianismo não apenas aceitou a violência e a guerra como uma forma de de-

fesa e evangelização, mas também usou de violência contra outros povos a fim submetê-los ao Evangelho ou à Igreja. A estreita vinculação da Igreja com Cristo sem mediação pneumatológica tornou a teoria da guerra justa parte da prática cristã.

Apesar dessa tendência predominante, ao longo dos séculos houve muitas pessoas, movimentos e confissões que viveram e promoveram a paz e não violência. Nomes como Francisco de Assis, Nicolau de Cusa, Erasmo de Rotterdam, os Menonitas e Anabatistas podem ser mencionados nesse contexto (cf. GUIMARÃES, 2015). Contudo, as reflexões cristológicas apenas minimamente receberam e desenvolveram essas práticas. Identificações de Jesus Cristo como Imperador ou Rei tiveram mais impacto do que títulos como o de Servo Sofredor ou Príncipe da Paz (Isaías) e mesmo de Senhor Crucificado. De modo semelhante o “Reinado de Deus” foi identificado foi identificado com a soberania da Igreja, ou do Império Romano, por exemplo.

Depois das trágicas experiências da primeira e segunda guerra mundiais, o desafio da paz se impôs claramente na Teologia cristã e católica. Com a intenção de superar a conexão entre Cristianismo e violência pessoas cristãs do povo simples começaram a comprometer-se com ações em favor da paz, lideranças como Papas e Bispos aderiram com seu magistério em favor da paz, e a Teologia elaborou diferentes aspectos da Teologia da paz e não violência. Como exemplo pode mencionar-se a posição do Papa Bento XV durante a Primeira Guerra mundial, defendendo claramente meios pacíficos de resolução dos conflitos internacionais.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a chamada “Guerra Fria” revelou vários outros aspectos da violência: as desigualdades sociais e econômicas, o clamor por justiça, a crise ecológica, a violência direta bem como a violência estrutural e muitas outras ameaças à paz.

Desta perspectiva, em vinculação com o período posterior ao Concílio Vaticano II, foi importante pensar a respeito da Cristologia. Algumas obras de Cristologia da Paz começaram a aparecer (cf. WILL, 1989; 1994; DEAR, 1994; 2008; RYNNE, 2014), enfocando especialmente as pesquisas em torno do Jesus Histórico, sua vida misericordiosa e pacífica, sua prática de perdão dos pecados, a defesa dos mais fracos, a bem-aventurança dos “artífices da paz” (cf. Mt 5) e o envio dos discípulos a anunciarem a paz. O próprio Jesus é descrito como “nossa paz” (Ef 2,4).

No mundo atual, a fé em Jesus como “nossa paz” ante os desafios da paz pode ser significativo unir a Cristologia pneumatológica à Cristologia da paz, a exemplo do que aconteceu no processo conciliar do Conselho Mundial de Igrejas Cristãs. Na Assembleia de 1983, em Vancouver, foi iniciado o processo conciliar mundial de Justiça, Paz e Criação, permitindo pensar a respeito da Cristologia da paz no seguimento de Jesus no Espírito, ou Cristologia Pneumatológica da paz no seguimento de Jesus. Essa abordagem aqui será apresentada em forma de oito teses.

1) A encarnação da Palavra ou do Filho de Deus é confessada como encarnação pelo Espírito. A entrada do Divino na história humana como ser humano, expressa teologicamente a transformação da condição de estranho em outro da Transcendência, do Mistério Divino. O abismo insuperável entre Criador e Criatura mais do que unido, é superado numa forma tal que “o

Verbo se tornou ser humano” (cf. Jo 1,14). Essa mudança no Filho de Deus, em Deus, pode ser entendida como ação do Espírito de Deus. Essa é a primeira tese.

2) O início da existência de Jesus, assim como é apresentada pelos evangelhos de Mateus e Lucas, é associada com a presença do Espírito em sua Mãe: “Ela se encontrou grávida pelo Espírito Santo [...] o que nela foi concebido vem do Espírito Santo” (cf. Mt 1,18.22). E em Lucas: O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Assim, o Santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus” (Lc 1,35). De modo semelhante, o Espírito é afirmado presente em Isabel, Zacarias e Simeão. Referências à reconciliação, paz, “paz na terra” (Lc 2,14) podem ser encontradas.

3) As narrativas do Batismo de Jesus, nos quatro evangelhos, em diferentes imagens e formas mencionam a presença do Espírito descendo sobre Jesus. É a manifestação de que a existência de Jesus, sua opção religiosa é, ao mesmo tempo, como discípulo de João Batista em sua universalidade, e compromisso do Pai com o Filho no Espírito. A forma do Judaísmo a ser abraçada por Jesus não está estreitamente vinculada ao Templo, mesmo se o pai de seu primo João Batista está relacionado ao Templo. Pelo contrário, Jesus relativiza o Templo. Ao mesmo tempo, Jesus não tem compromisso com as interpretações estreitas do Judaísmo, praticadas pelos fariseus e nem mesmo com certas formas de essenianismo. O Batismo de Jesus, “cheio do Espírito Santo (Lc 4,1), representa a libertação para ser livre diante de Deus como Pai e diante de todas as pessoas em busca de esperança e vida.

4) As narrativas das tentações igualmente associam Jesus ao Espírito: Ele é conduzido pelo Espírito. As narrativas podem ser consideradas como tentações contra a vida plena de paz, mas ao mesmo tempo revelam a importância da disciplina pessoal para a paz, através da oração e do jejum, como historicamente será mostrado também por Gandhi e muitas outras pessoas. AS tentações são parte da vida e parte de quem pretende assumir uma vida de paz.

5) A vida pública de Jesus, de acordo com o evangelho de Lucas, inicia com a proclamação da unção com Espírito em vista da evangelização dos pobres (cf. Lc 4,16-18).

6) A cruz e a ressurreição de acordo com o evangelho de João, estão emolduradas pela promessa da paz e o envio (entrega) do Espírito (cf. Jo 14; 20). A própria cruz acontece no Espírito Santo (cf. Hb 9,14), a ressurreição se dá na força do Espírito (cf. Rm 8,10) e no Pentecostes ressuscitado derrama o Espírito recebido do Pai (At 2,33).

7) A reconciliação é entendida como paz (Ef 4,2), e o Reinado de Deus aparece como “justiça, paz e alegria e alegria no Espírito” (Rm 14,17). No mesmo Espírito os discípulos podem clamar “Abba” (Rm 8,15; Gl 4,6) porque não existe mais temor, nem violência entre os seres humanos e o Deus Triuno.

8) Jesus é aquele que chama ao discipulado da paz e não violência. Ser cristã ou cristão é confessar no Espírito Santo de Deus através da práxis da paz e da não violência que Ele é o sentido da vida e o caminho ao Pai, ao próximo e à natureza (cf. SCHOCKENHOFF, 2018).

## EM CONCLUSÃO

Num mundo de violência, injustiça e destruição da criação, uma Cristologia da paz explicita as consequências da confissão de que Deus revelou a si mesmo em Jesus Cristo, príncipe da paz, como o Deus da paz derramando seu Espírito de vida, reconciliação, paz e não violência. Jesus, “a face da misericórdia do Pai”, na expressão do Papa Francisco (*Misericordiae Vultus*), é Ele mesmo misericórdia como diz Agostinho em seu comentário a Jo 8, quando Jesus fica sozinho com a mulher pega em adultério: “*Misericordia et misera*” estavam face a face. O seguimento de Jesus consiste numa vida no Espírito de Jesus crucificado e resuscitado que promete e concede a sua paz, e perdoa os pecados.

Historicamente o Cristianismo se vinculou, até por sua natureza interna do princípio encarnação, a culturas colonizadoras. Apesar das críticas da época, quando se pensa nos grandes nomes da resistência interior à empresa colonizadora espanhola, por exemplo, é inevitável reconhecer a cumplicidade predominante com a dominação e uma violência cultural. Nessas condições, a Cristologia pneumatológica se revela princípio de nova inserção nas necessárias transformações culturais e na criação de condições favoráveis a uma superação da violência cultural em favor da convivência e cooperação.

## REFERÊNCIAS

- BALTHASAR, Hans Urs von. *Theologik III: Der Geist der Wahrheit*. Einsiedeln: Johannes Verlag, 1987
- BERKHOF, Hendrikus. *Theologie des Heiligen Geistes*: 2. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1988.
- BORDONI, Marcello. *La Cristologia nell’orizzonte dello Spirito*. Brescia: Queriniana, 1995.
- BRYANT, Herschel Odell. *Spirit Christology in the Christian Tradition: From the Patristic Period to the Rise of Pentecostalism in the Twentieth Century*. Cleveland, Tennessee: CPT Press, 2014.
- CONGAR, Yves M.-J. *El Espíritu Santo*: Barcelona: Editorial Herder, 1983.
- COSTE, René. *Il est notre paix*. Paris: Editions ouvrières, 1991.
- COSTE, René. *Théologie de la paix*. Paris: Cerf, 1997.
- DEAR, John. *The God of peace*. John Dear ; [foreword by Jim Douglass]. Maryknoll N.Y.: Orbis Books, 1994.
- DEAR, John. *Put down your sword : answering the Gospel call to creative nonviolence*. Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Pub. Co., 2008.
- DUNN, James D. G. *Jesus and the Spirit: A study of the Religious and Charismatic Experience of Jesus and the first Christians as Reflected in the New Testament*. London: SCM Press Ltd., 1975.
- DUPUIS, James. *Jesus Christ and his Spirit: Theological approaches*. Bangalore: Theological Publications in India, 1977.
- DURRWELL, François-Xavier. *Jésus fils de Dieu dans l’Esprit Saint*. Paris: Desclée, 1997.
- GUIMARÃES, Irénée Rezende. *Correspondance avec Irène: méditations d’un chrétien sur la paix et la non-violence*. Tournay: les Ateliers de l’abbay, 2015.
- HAIGHT, Roger. The case for spirit Christology. *Theological Studies*, v. 53, p. 257–289, 1992.

- KASPER, Walter. *Jesus der Christus: 2<sup>o</sup> ed.* Mainz: Matthias Grünewald, 1975.
- MOLTMANN, Jürgen. *Der Weg Jesu Christi: Christologie in messianischen Dimensionen.* München: Kaiser, 1989.
- MOLTMANN, Jürgen. *Die Quelle des Lebens: der Heilige Geist und die Theologie des Lebens.* Gütersloh: Kaiser, 1997.
- MÜHLEN, Heribert. *El Espíritu Santo en la Iglesia.* Salamanca: Secr. Trinitario, 1974.
- ROSATO, Philip J. Spirit Christology: Ambiguity and Promise. *Theological Studies*, v. 38, n. 3, p. 423–449, 1 set. 1977.
- RYNNE, Terrence J. *Jesus Christ, peacemaker: a new theology of peace.* Maryknoll, New York: Orbis Books, 2014.
- SCHOCKENHOFF, Eberhard. *Kein Ende der Gewalt? Friedensethik für eine globalisierte Welt.* Freiburg: Herder, 2018..
- WEBER, Jörg. *Geist-Christologie im Neuen Testament? Erwägungen zu einer exegetischen These über das Verhältnis von Jesus Christus und dem Heiligen Geist.* Trier/Waldrach: Books on demand, 2000.
- WILL, James E. *A Christology of Peace.* 1st ed. Louisville, Ky.: Westminster/John Knox Press, 1989.
- WILL, James. *The Universal God : Justice, Love, and Peace in the Global Village.* 1. ed. Louisville, Ky.: Westminster John Knox Pr., 1994